

“EDUCAÇÃO PARA TODOS”: UMA PROPOSTA COMENIANA

Ana Maria Dias Ribeiro NERIS¹

RESUMO

Este artigo apresenta brevemente a organização do trabalho didático, começando com o modelo forma inicial, que se deu de modo individual, entre o mestre e o discípulo, até chegarmos à proposta feita por JOÃO AMÓS COMENIUS, no século XVII, com a idéia de uma “educação para todos”, onde qualquer um poderia ensinar baseada na utilização dos livros panméticos, que seriam responsáveis pela eficácia da realização do trabalho proposto, norteados a prática do professor, nos revelando que este método esta presente ainda nos dias atuais, o material apresentado por COMENIUS, é responsável pelo trabalho do professor em sala de aula, o livro didático.

Palavras-chave: Educação. Trabalho Didático. Livro Didático.

1 INTRODUÇÃO

O texto apresenta a proposta comeniana de ensino, para isto, observa a organização do trabalho didático individual e sua organização, onde professores e discípulos se reuniam em um espaço improvisado, como a casa do aluno ou do professor, ou até mesmo uma sala alugada, na qual, o material utilizado eram cópias manuscritas de textos clássicos, de custo elevado, em muitos casos não era possível ao aluno possuir uma cópia destas.

Em meados do século XVII, COMENIUS publica sua obra intitulada *Didactica Magna*, que traz uma proposta de educação para todos, por meio de um método revolucionário e universal. Inspirado na manufatura teorizava um meio de romper com a organização artesanal de ensino.

Sua proposta revolucionária de ensino tinha como método o uso dos livros panméticos, que proporcionaria a qualquer um dar aula, mesmo não possuindo qualificação para tal função, pois tudo que precisasse saber para ensinar estaria contido no manual, sendo assim ele propunha uma “educação para todos”.

2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO INDIVIDUAL

A escola hoje é um espaço organizado em suas diferentes formas, cada um que dela faz parte cumpre funções pré-determinadas pelas normas que regem a instituição. Mas, nem

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, a.n.aribeiro@hotmail.com

sempre a escola foi este espaço que conhecemos e vivenciamos atualmente, muito menos o ensino era sistematizado e organizado da maneira que está estabelecido nos dias atuais.

O processo educativo é fruto do desenvolvimento humano. Assim, o modelo educativo varia de acordo com o espaço e período histórico. Em linhas gerais o modelo de educação inicial era individual, no qual o mestre atendia seus discípulos sem a estrutura física apresentada hoje nas escolas. Em alguns casos, fazia-se uso de uma sala alugada, ou emprestada, quando não uma praça ou a própria casa do professor ou do (s) aluno (s). Os grupos eram reduzidos, sentados no chão, sem relativa estrutura contemporânea. Alves (2005) sustenta que as aulas eram ministradas coletivamente, no entanto, atendia cada aluno individualmente, por isso, o ensino, por mais que parecesse coletivo, era de fato individual.

Os alunos mais adiantados ajudavam o mestre com os discípulos iniciantes. Essa relação educativa também ficou conhecida como modelo preceptorial². Para Alves (2005, p.33),

[...] essa relação individual só se manteve enquanto a quantidade de estudantes não extrapolou o limite máximo de distribuição do tempo disponível do mestre. A consistente progressão do número de estudantes foi a condição que, num certo estágio, colocou em crise o ensino individual e determinou a emergência de uma nova qualidade: a relação educativa que incorporava procedimentos de atendimento coletivo, criando um arranjo que combinava com procedimentos de atendimento individual. Tratou-se, então, de uma superação dialética que culminou com uma nova forma de organização do trabalho didático.

De acordo com Alves (2005), estas aulas começavam com o mestre fazendo a leitura (*lectio*) de um texto que só ele possuía³. Após a leitura, o mestre expunha o texto (*exposition*) em três partes sendo que a primeira ele trabalhava a gramática (*littera*), na segunda a inteligência do texto (*sensos*) e na terceira parte trabalhava a profundidade do texto (*sententia*), sua complexidade. Neste terceiro momento, devido à análise profunda do texto poderiam surgir problematizações, onde os alunos discutiam entre eles num momento denominado *disputatio*. Alves (2005, p. 36) complementa que “[...] Na *lectio* e na *exposition*, o mestre se dirigia ao coletivo dos estudantes ao mesmo tempo; na *disputatio*, ganhava realce a participação individual de cada jovem”.

Conforme Matos e Rudolf (2006), com a demanda muito forte por educação causada pelo aumento da população urbana e pelo comércio, os monastérios que antes realizavam escolarização só para aqueles que queriam seguir carreira religiosa, abre espaço para filhos de

² Este modelo de ensino se compunha de um mestre e seu (s) discípulo (s).

³ Fazer cópia dos textos utilizados pelo mestre não convinha ao aluno, pelo fato das obras serem manuscritas, fazia com que o valor das cópias de obras clássicas fosse alto demais para o custeio da educação dos discípulos.

nobres, mais tarde as catedrais incorporando a “escola” acolhem os filhos da burguesia. Estes lugares nada mais eram do que espaços destinados ao ensino, escolas elementares. Alves(2005) afirma que, nestes espaços de ensino, o uso dos clássicos gregos foi considerado pagão, fazendo com que a igreja retirasse de circulação estas obras, inserindo textos dominados pela ética cristã. Os mestres deviam usar com sua turma de alunos o que era permitido pela igreja.

Alves (2005) afirma ainda em seu texto que a didática de ensino nestes espaços educativos, em que vários discípulos eram atendidos por um único mestre, era denominada como *modus italicus* de ensinar, onde o mestre tinha a responsabilidade de ensinar seus discípulos desde o início de sua aprendizagem até o final, sendo que se iniciava aprendendo a ler, escrever e contar, depois a formação dos discípulos era de caráter humanístico. Esta didática de ensino também vigorou nas universidades medievais, onde o fator que determinava a distribuição dos alunos entre os mestres presente na instituição era a proximidade que eles tinham quanto à língua. Os grupos de alunos não participavam de aulas de outro mestre, a relação de ensino era estritamente com o mestre designado para a sua turma.

Como sustenta Alves (2005), o *modus italicus* não dava vazão a uma divisão do trabalho didático nos espaços de ensino, pois segundo ele, fazendo com que os discípulos aprendessem tudo com um único mestre, permanecendo assim como forma de ensino até o final do século XV, pois foi substituído pelo *modus parisiensis*, que “[...] foi o germe que impôs uma incipiente forma de divisão do trabalho ao conjunto do trabalho didático [...]” (p. 39), abrindo caminho para a proposta de COMENIUS em *Didactica Magna*.

3 A PROPOSTA COMENIANA EM *DIDACTICA MAGNA*

Em meados do século XVII, COMENIUS, um homem de fé, pastor protestante, nascido em 1592 em Nivnice na Morávia, concebe uma obra que tinha como objetivo, desenvolver uma “arte universal de ensinar tudo a todos” (COMENIUS,2002, p. 11) intitulada de *Didática Magna*, uma obra que promoveu a reorganização da escola que a conduziu aos moldes contemporâneos, na qual o trabalho didático tornou-se fragmentados em diferentes níveis e os conteúdos cada vez mais simplificados, o que proporcionou atender as necessidades capitalistas da vida moderna. Alves (2005) considera as indicações contidas em *Didactica Magna* de COMENIUS como “[...] a proposta mais desenvolvida e articulada de educação para todos” [...], uma educação sem distinção de homens e mulheres ou questões

econômicas por parte dos alunos. O livro é uma proposta radical de educação para a escola moderna” (p.41).

Para Almeida (2013), cabe lembrar que o trabalho do educador morávio não repercutiu de imediato, sua proposta somente foi incorporada quando das necessidades do processo de industrialização fizeram necessário expandir a educação.

No momento em que COMENIUS produziu a sua obra, a Igreja Católica passava por um momento de crise, sofrendo críticas que desencadearam o movimento conhecido como Reforma Protestante. Para Alves e Centeno (2009, p. 471), esse movimento influenciou no pensamento do autor,

[...] afinado com os princípios da Reforma, reivindicava a “escola para todos”, daí ter reconhecido a impossibilidade de aquela relação educativa manter-se, pois encarecia sobremaneira os serviços educacionais. O barateamento desses serviços era uma condição material indispensável para viabilizar a expansão do atendimento escolar, principalmente entre os destituídos de maiores posses.

Alves (2005. p. 60) ratifica:

[...] a Reforma, nos seus albores, não prometia qualquer mudança substantiva ante organização do trabalho didático. Esse movimento religioso incorporava uma novidade fundamental ao pressupor a necessidade de todos terem acesso à leitura e à escrita. Essa era a condição que possibilitava os fiéis a leitura das sagradas escrituras, celebradas como fonte de salvação de suas almas.

A proposta de *Didática Magna* estava à frente de sua época, propondo uma educação que se baseava na manufatura⁴, dividindo o trabalho entre os participantes desta educação, desenvolvendo um trabalho de qualidade onde “[...] COMENIUS tinha grande preocupação em reestruturar a educação de forma que todos pudessem obter ensino, seu plano de educação era a arte de ensinar tudo a todos [...]” (ROYER; SENS; CONCEIÇÃO, 2006, p.37).

Comenius (2002) afirma em sua obra que,

⁴ Segundo Marx a origem da manufatura parte da cooperação baseada na divisão do trabalho artesanal. De acordo com ele sua origem é dúbia: “De um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. De outro lado, ela parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico. Por um lado a manufatura introduz, portanto, a divisão do trabalho em um processo de produção ou a desenvolve mais; por outro lado, ela combina ofícios anteriormente separados. Qualquer que seja seu ponto particular de partida, sua figura final é a mesma – um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos”. (MARX, 1968)

Nós ousamos prometer uma Didática Magna, ou seja, uma arte universal de ensinar tudo a todos: de ensinar de modo certo, para obter resultados; de ensinar de modo fácil, portanto sem que docentes e discentes se molestem ou enfadem, mas, ao contrario, tenham grande alegria; de ensinar de modo sólido, não superficialmente, de qualquer maneira, mas para conduzir à verdadeira cultura, aos bons costumes, a uma piedade mais profunda. Finalmente, demonstramos essas coisas *a priori*, partindo da própria natureza imutável das coisas, como se fizéssemos brotar de uma fonte viva regatos perenes, que se unissem depois num único rio para constituir uma arte universal, a fim de fundar escolas universais. (p. 13)

Ele tinha consciência que ensinar tudo a todos era uma tarefa difícil, por isto contava com o interesse e comprometimento de todos aqueles que assumissem esta tarefa, pois a considerava a escola como responsável pela salvação do gênero humano, principalmente da juventude que “[...] em tempos e costumes tais, nos quais ela avançou tanto que precisa ser freada e controlada pela ação de todos [...]” (COMENIUS, 2002, p.14).

Royer, Sense Conceição (2006, p. 38), citando Comenius, afirmam que:

[...] a escola tem que ser encarada como um grande benefício: “oficina da humanidade” (iniciação da vida), pois deve preparar o homem para seu destino, oferecendo-lhe a religião, a virtude, o caráter, a instrução e a educação, esta que é o novo instrumento da salvação, tanto na dimensão humana, quanto se referem aos problemas políticos sociais que ela deve resolver, quanto na dimensão sobrenatural da conquista do céu, o fim ultimo do homem [...]

Comenius (2002, p.96) afirma ainda em sua obra que,

Com grande sabedoria falou quem disse que as escolas são as oficinas da humanidade: elas transformam os homens em homens de verdade, ou seja (visando aos fins já estabelecidos): 1) uma criatura racional; 2) uma criatura senhora das criaturas (inclusive de si mesma); 3) uma criatura deleite de seu criador. Isso acontecerá se as escolas se esforçarem por tornar os homens sábios na mente, prudentes nas ações, piedoso no coração.

Esta tarefa, de “ensinar tudo a todos”, deveria ser responsabilidade de muitos e não de um só, pois nem o mais sábio de todos os homens é capaz de saber todas as artes. “[...] Se fossem concedidos ao homem mil anos, durante os quais, adquirindo sempre novos conhecimentos, ele passasse de um conhecimento a outro, ainda assim teria novos objetos para conhecer [...]” (COMENIUS, 2002, p.59).

Para Comenius, referindo se a Aristóteles, o cérebro humano é comparado a um abismo em questão de capacidade de aprendizado, onde pode se aprender tudo que lhe for ensinado, sendo comparado seu espírito a uma tábua rasa onde,

[...] tudo pode ser escrito. Então, assim como numa tábua rasa o escritor pode escrever o que desejar e o pintor que não ignore a arte pode pintar o que quiser, também para quem não ignora a arte de ensinar é fácil gravar o que quiser na mente do homem. Se isso não ocorrer não será por culpa da tábua (mesmo que seja grosseira), mas por ignorância do escritor ou do pintor. E há uma diferença, pois numa tábua só é possível traçar linhas até onde as margens o permitam, enquanto na mente nunca se encontrarão limites, ainda que se escreva ou grave o tempo todo, porquanto, como já foi dito, ela não tem limites. (COMENIUS, 2002, p. 62)

Sendo assim, o autor afirma a importância da inserção da criança na vida escolar, para que seu conhecimento se desenvolva plenamente, pois para ele é na infância que se desenvolve o aprendizado. “Em suma, como dos anos da infância e da primeira educação depende todo o resto da vida, se os espíritos não forem, desde o princípio, suficientemente preparados para as circunstâncias de toda vida, não haverá nada a fazer”(COMENIUS, 2002, p.100).

Para este fim, Comenius (2002, p.109) propõe que a organização da escola seja de tal forma que:

- I.**Toda a juventude nela seja educada (exceto aqueles aos quais Deus negou inteligência).
- II.**Seja educada em todas as coisas que podem tornar o homem sábio, honesto e piedoso.
- III.**Essa formação, que é a preparação para a vida, seja concluída antes da idade adulta.
- IV.**E seja tal que se desenvolva sem severidade e sem pancadas, sem nenhuma coarctação, com máxima delicadeza e suavidade, quase de modo espontâneo (assim como um corpo vivo aumenta lentamente sua estatura, sem que seja preciso esticar e distender seus membros, visto que, alimentado com prudência, assistido e exercitado, o corpo, quase sem aperceber-se, adquire altura e robustez); da mesma forma, os alimentos, os nutrimentos, os exercícios se convertem no espírito em sabedoria, virtude e piedade.
- V.**Todos sejam educados para uma cultura não vistosa mas verdadeira, não superficial mas sólida, de tal sorte que o homem, como animal racional, seja guiado por sua própria razão e não pela de outrem e se habitue não só a ler e a entender nos livros as opiniões alheias e a guardá-las de cor e as recitá-las, mas a penetrar por si mesmo na raiz das coisas e delas extrair autêntico conhecimento e utilidade. A mesma solidez é necessária para a moral e a piedade.
- VI.**Que essa educação não seja cansativa, mas fácil: que os exercícios de classe não sejam dedicados mais de quatro horas, de tal modo que um só preceptor possa ensinar até cem alunos simultaneamente com um trabalho dez vezes menor do que o atualmente necessário para ensinar apenas um.

O autor acreditava que muitos não colocariam muita fé em sua proposta de organização do trabalho didático, por ser nova e revolucionária, seria vista com maus olhos, e foi. Isso porque, para Comenius (2002, p. 110), “Tal é a índole dos homens que, antes que algo seja descoberto, eles se perguntam perplexos como seria possível descobri-lo, e, uma vez

que alguém o descobre pasmam-se por aquilo não ter sido descoberto antes”. Mesmo assim, ele escreveu uma proposta para a educação, uma “educação para todos”, onde COMENIUS propõe que esta educação seja dividida e executada em 24 anos, tomando como base o modelo dos artesãos que:

[...] estabelecem para seus discípulos determinados períodos, dentro dos quais deverão aprender toda a matéria (dois, três ou sete anos, segundo a dificuldade ou a complexidade das várias artes), para que, depois de aprendido tudo o que é próprio de uma arte, cada um deles deixe de ser discípulo e passe a ser aprendiz e logo depois mestre. O mesmo vale para a escola, onde deveriam ser estabelecidos períodos de tempo precisos para cada arte, ciência e língua, cuja enciclopédia de saber seria exaurida depois de certo tempo, para que dessas oficinas de cultura pudessem sair homens verdadeiramente cultos, morais e piedosos.

Para atingir esse objetivo, deve-se empregar no exercício do engenho todo o período da juventude, da infância e da idade viril, cerca de vinte e quatro anos, que devem ser divididos em períodos determinados [...] (p. 319)

Estes períodos foram divididos por Comenius (2002, p. 320) em escolas: a escola materna, escola vernácula, o ginásio e a Academia. Cada uma delas com sua clientela determinada, a escola materna é responsabilidade dos pais e das amas em casa, aos seis anos vão para a escola vernácula, aos 12 anos frequentam o ginásio, e aos 18 estão prontos para a Academia. Comenius(2002, p. 323) diz ainda em sua obra que:

Esse método racional e preciso de educação pode ser comparado com o cultivo dos pomares. Isto porque as crianças de seis anos, bem preparadas pelos pais e pelas amas, são semelhantes às arvorezinhas plantadas com perícia, que têm raízes bem desenvolvidas e já começam a emitir os primeiros ramos. As crianças de doze anos são semelhantes às árvores que já têm ramos e gemas: o que produzirão ainda não está claro, mas logo estará. Os adolescentes de dezoito anos, que já sabem as línguas e as várias artes, são semelhantes às árvores floridas, que oferecem aprazível espetáculo e odor agradável, prometendo frutos suculentos. Finalmente, os jovens de vinte e quatro ou vinte e cinco anos, completamente formados pelos estudos universitários, parecem-se a árvores carregadas de frutos, que já podem ser colhidos e utilizados de vários modos.

Bortolanza (2013, p. 76) afirma que:

O pensamento pedagógico comeniano traçou um movimento universalizante, tendência da época, partindo em sua obra da educação para jovens até 24 anos, em que a idéia de “todo o mundo” traduz-se por escola, pois o que pretendia o autor era reformar a educação [...].

Esta reforma na educação propunha muitas coisas, entre elas a disciplina por parte dos alunos e dos professores, condição importante para uma boa escola. Comenius (2002) cita um provérbio boêmio: “Escola sem disciplina é como moinho sem água.” (p. 311), afirmando que

se na escola não houver disciplina, seus trabalhos prosseguirão com lentidão, dificultando o trabalho didático.

Em sua obra, Comenius compara ainda esta educação com a tipografia, usando o termo didacografia onde:

[...] O papel são os alunos, cuja mente é impressa com os caracteres da ciência. Os caracteres tipográficos são os livros escolares e todos os outros instrumentos didáticos, por meio dos quais as matérias que devem ser aprendidas são impressas com facilidade nas mentes. A tinta é a voz do mestre, quando, a partir dos livros, ele transmite o sentido das coisas para as mentes dos alunos. A prensa é a disciplina escolar, que predispõe e obriga todos a absorver os ensinamentos. (p. 364)

Fazendo esta comparação, o autor resume praticamente o que propôs durante sua obra, usando o termo “didacografia”. O método proposto por Comenius são os livros panmetodológicos, instrumento que tem a função de nortear o trabalho didático do professor.

4 LIVROS PANMETODOLÓGICOS (PANMETÓDICOS)

Em sua obra, Comenius (2002) propõe um método novo, para ser usado por todos em todas as aulas, pra que assim os educandos não se embaracem com os conteúdos ensinados, sendo por ele considerado de suma importância “porque, se faltar, poderá inutilizar totalmente a máquina, e se estiver presente poderá pô-la perfeitamente em movimento: é uma provisão suficiente de livros “panmetodológicos”. [...]” (p. 372).

Estes livros, propostos por Comenius seriam produzidos em grandes quantidades por uma técnica de imprensa⁵, que utiliza caracteres móveis para a produção dos livros que são idênticos um do outro em questão de quantidade de páginas, conteúdo e graciosidade.

Sendo assim, a antiga forma de copiar os livros a mão seria abandonada, economizando tempo, e proporcionando a educação um método eficaz. Bortolanza (2013, p. 80) cita em seu texto que:

[...] Comênio confrontou a velha forma de ensinar com os trabalhos dos copistas de multiplicar os manuscritos através da escrita a pena, e a nova forma de ensinar com a arte da imprensa, enumerando as vantagens que a arte mecânica de multiplicar os livros proporcionava. [...].

Comenius (2002, p. 261) afirma ainda:

⁵Esta técnica de impressão foi criada por JOHANNES GUTENBERG (1400-1468) que consistia no uso de caracteres de chumbo, para a produção de livros em grande escala.

É fácil imaginar como deve ter parecido pouco útil a primeira tentativa do inventor da imprensa, em comparação com o uso do então adotado, de escrever com pena, com liberdade e desembaraço: no entanto, a história mostra que essa invenção foi útil. Em primeiro lugar porque, com a arte da imprensa, dois garotos podem fazer muito mais cópias de um livro do que fariam duzentos amanuenses no mesmo tempo. Além disso, os manuscritos diferem muito uns dos outros no que diz respeito ao número de páginas e das linhas: os livros impressos, ao contrário, são sempre iguais, a tal ponto que um ovo não é semelhante a outro quanto o são as várias cópias de um livro: e o resultado é de grande elegância e clareza. Em terceiro lugar, as cópias manuscritas poderão sair cheias de erros se cada uma delas não for confrontada e corrigida com precisão, trabalho esse muito cansativo e enfadonho. Com a imprensa, porém, uma vez que se corrija um único exemplar, todas as outras cópias estarão corrigidas, mesmo que sejam milhares: fato mais que real, ainda que incrível para quem não conhece a arte. Em quarto lugar, não se pode escrever a mão em qualquer papel, mas apenas no mais pesado, que não absorve: com os caracteres tipográficos, porém, qualquer papel serve, até o mais fino e absorvente, ou até um tecido. Finalmente, com caracteres tipográficos poderá escrever livros elegantes mesmo quem não saiba escrever elegantemente, [...].

Sendo que:

Os livros, pois, deverão ser redigidos para todas as escolas segundo os nossos princípios de facilidade, solidez e brevidade, contendo tudo o que for necessário e de modo completo, sólido e preciso, de tal modo que possam ser uma imagem veracíssima do universo (que deverá ser pintado nas mentes dos alunos). Acima de tudo, desejo e solicito que os assuntos sejam expostos em linguagem familiar e comum, para permitir que os alunos entendam tudo espontaneamente, mesmo sem mestre.(p. 217)

Estes livros serão distribuídos nas escolas sendo eles “[...] de dois tipos: os relativos às coisas (reais) para os estudantes e os informativos para os professores, para que estes sejam capazes de usar os primeiros com rapidez e perfeição.” (COMENIUS, 2002, p. 365). Percebe-se que os professores receberiam instruções para a aplicação dos livros aos alunos, sendo que “[...] os educadores deverão receber normas precisas às quais conformem seu trabalho; isso significa que, para seu uso, é preciso escrever livros informativos que indiquem de que modo e quando eles devem agir para não errar.” (COMENIUS, 2002, p. 365).

Comenius (2002, p. 207/208)descreve como gostaria que este livro se estruturasse:

[...] desejaria que os livros fossem elaborados principalmente em forma de diálogo [...] 1) para adaptar mais facilmente a matéria e o estilo às mentes das crianças, de tal sorte que ninguém tenha a impressão de que alguma coisa lhe é inacessível, árdua ou difícil demais; [...] 2) Os diálogos também estimulam, reavivam e mantêm desperta a atenção graças à variedade de perguntas e respostas, às diversas situações e formas, sobretudo se entremeados com coisas divertidas; [...] 3) O diálogo torna a instrução mais

firme. [...] 4) Como grande parte de nossa vida é feita de diálogos, prepara-se mais rapidamente a juventude para a vida habituando-a não só a conhecer as coisas úteis mas também a discorrer sobre elas de modo variado, elegante, sério e sem empecos. 5) Finalmente, a forma de diálogo facilita a repetição entre escolares, mesmo em particular.

E continua descrevendo ainda como este livro deve ser:

[...], nossos livros devem conter tudo o que diz respeito à educação completa das mentes, para que, com esses subsídios, ninguém possa deixar de aprender tudo o que é preciso saber.

[...] os nossos livros não devem oferecer o material de estudo em confusão, mas dividido do modo mais distinto possível e pelas tarefas precisas que deverão ser feitas em um ano, um mês, um dia, uma hora.

[...] deverão ser entregues às crianças apenas os livros didáticos que servem de tema de estudo àquela classe, para não as distrair e confundir com outros.(p. 365)

Com este novo método, um único mestre poderia lecionar para vários alunos, sem a necessidade de instrução individual, proporcionando a um rendimento maior do seu trabalho, alcançando mais pessoas.

O que acontecerá não será nada diferente se organizarmos bem tudo o que diz respeito a essa nova e universal forma de instrução [...] de tal modo que 1) com menor número de professores seja instruído maior número de pessoas que as instruídas com os métodos até agora utilizados; 2) essas pessoas sejam instruídas de maneira mais genuína; 3) com cultura refinada e agradável; 4) participem desse tipo de instrução mesmo os mais fracos de engenho e mais lentos de sentidos; 5) sejam capazes de ensinar com habilidade mesmo aqueles que a natureza não fez propensos ao ensino, visto que ninguém deverá tirar apenas da própria cabeça o que vai ensinar e como ensinar, mas principalmente instilar e infundir nos jovens uma instrução já preparada, com meios que encontrará prontos, ao seu alcance. [...]. (COMENIUS, 2002, p. 362-3)

Hoje, este método se faz presente nas escolas brasileiras, o livro escolar é o instrumento mais importante de trabalho do professor. Alves (2005) descreve que ao longo da História no Brasil, ocorrem alterações no tipo de instrumento do trabalho didático adotado na relação educativa, desde as primeiras formas de ensino que foram introduzidas pelos jesuítas, na qual faziam uso de extratos de obras clássicas, aos compêndios que foram amplamente difundidos no Colégio de Pedro II no Rio de Janeiro, porém, só mais tarde os livros escolares foram tomando as formas de materiais de tipo comeniano e inseridos na educação brasileira. Essa tese é trabalhada por Almeida (2013) que afirma ter ocorrido um processo gradual de alteração nos materiais destinados a relação educativa. Segundo o autor,

[...] aos poucos os livros escolares foram perdendo as características que os tipificavam como compêndios e incorporando cada vez mais imagens, gráficos, tabelas, esquemas explicativos, questionários etc. Tais adequações aproximaram estes materiais ao modelo de instrumento do trabalho didático que COMENIUS havia pensado no século XVII para viabilizar a relação educativa, com menos custos e reduzindo o desperdício de tempo.

Tal proposta tem início no Brasil no início da década de 1930, com mudanças promovidas por uma nova conjuntura política, social e educacional que ganha impulso com a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

5 CONCLUSÃO

Ao longo do tempo, a educação sofreu transformações, mas continua carregando tradições que perpassaram os séculos, como a utilização de livros panmetódicos, que foi proposto em meados do século XVII e ainda hoje se faz presente na educação, conhecidos como livros didáticos, os quais continuam norteando o trabalho do professor em sala de aula.

A intenção da proposta de COMENIUS é boa, pois em sua época havia a necessidade instruir os jovens, nada mais eficaz que um método que abrangesse um número grande de “discípulo”. Mas será que não poderíamos pensar em um trabalho didático mais atual, que contemplasse as necessidades encontradas na sala de aula nestes quatro séculos depois?

“EDUCATION FOR ALL”: A PROPOSAL OF COMENIUS

ABSTRACT

This article briefly presents the organization of the teaching work, starting with the shape initial model, which occurred individually, between master and disciple, until we get to the proposal made by John Amos Comenius in the seventeenth century, with the idea of “education for all”, where anyone could teach based on the use of pan methodical books, which would be responsible for the effective realization of the proposed work, guiding the practice of teacher, showing us that this method is present even today. The material presented by Comenius, responsible for the work of the teachers in the classroom, is the textbook.

Keywords: Education. Didactic work. Textbook.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. Q.; **O ensino de história da Idade Média no Brasil: dos compêndios aos Cadernos do estado de São Paulo.** 2013. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Mato Grosso do Sul – MS, 2013.

ALVES, G. L.; CENTENNO, C. V.; A produção de manuais didáticos de história do Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 42 set./dez. 2009

ALVES, G. L. **O trabalho didático na escola moderna: formas históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005

BORTOLANZA, A. M. E. O caráter de publicização da leitura na obra de Comênio. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 73-86, jan./jun. 2013.

COMENIUS, 1952-1960. **Didática Magna**; aparelho crítico: Marta Fattori. tradução de Ivone Castilho Beneditti. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Paidéia).

MATOS, L. F. da S.; RUDOLF, É. C.; Formas de ensinar da Idade Média à Contemporaneidade e razões para como o ensino de engenharia ser como ele é. **Anais do XXXIV COBENGE**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, Setembro de 2006.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ROYER, A.; SENS, T. P. da S.; CONCEIÇÃO, G. H. da. **COMENIUS: o precursor da pedagogia moderna**. **Educere et Educare**, v.1 n.1, p.37-40, jan./jun. 2006.

Recebido em: 30 de novembro de 2015.

Aceito em: 02 de março de 2016.